



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}\text{C}$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Iulia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

O ENSINO DA ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

Jacinta Bugalhão¹

RESUMO

Neste trabalho pretende-se efectuar um balanço sobre o ensino da Arqueologia em Portugal, entre o final do século XIX e a actualidade. A partir dos anos 90 do século XX, o número de estabelecimentos de ensino superior envolvido no ensino da disciplina aumentou, diversificou-se e disseminou-se no território. No século XXI regista-se um aumento exponencial de mestrados e doutoramentos. A oferta formativa revela que os estabelecimentos de ensino superior implementaram estratégias diferenciadas, ao nível dos conteúdos curriculares e dos graus/ciclos de estudos leccionados. A formação superior em Arqueologia produziu uma alteração significativa no nível habilitacional dos arqueólogos portugueses, que evoluiu da quase ausência ou indistincção, para um padrão de elevada, cumulativa e especializada qualificação académica e científica.

Palavras-chave: História da Arqueologia Portuguesa; Ensino da Arqueologia; Universidade; Arqueólogos.

ABSTRACT

The aim of this paper is to take stock of the teaching of Archaeology in Portugal, from the end of the 19th century to the present day. From the 1990s onwards, the number of higher education establishments involved in teaching the subject increased, diversified and spread throughout the territory. In the 21st century there is an exponential increase in masters and doctorates. The training offer reveals that higher education establishments have implemented differentiated strategies, in terms of curricular content and the degrees/cycles of studies taught. Higher education in Archaeology produced a significant change in the qualification level of Portuguese archaeologists, which evolved from almost absence or indistinction, to a high, cumulative and specialized standard of academic and scientific qualification.

Keywords: History of Portuguese Archaeology; Archaeology Teaching; University; Archaeologists.

1. ANTECEDENTES

O ensino da Arqueologia como disciplina ou cadeira específica (no Curso Superior de Letras, ou no liceu) foi proposto por Estácio da Veiga em 1880 como medida incluída no seu, nunca concretizado, *Programma para a instituição dos estudos archeologicos* em Portugal (Gonçalves, 1980, p. x; Fabião, 1999, p. 113; Fabião, 2011, p. 147-148; Carvalho, 2018, p. 83). A partir de 1885, a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses promoveu o “Curso elementar de Arqueologia” (Arnaud, 2013, p. 25; Carvalho, 2018, p. 82).

Durante o século XX, foram ministrados em Portugal diversos cursos de formação, informais, como os promovidos desde 1969 até à década seguinte pelo

Centro Piloto de Arqueologia do Secretariado para a Juventude do Ministério da Educação Nacional/ Serviços Culturais da Mocidade Portuguesa (Bugalhão, 2021, p. 159) ou os cursos de Arqueologia subaquática promovidos pela associação Arqueonáutica (AAVV, 1995, p. 30). Nos anos 80 sentia-se a necessidade de uma formação técnica de nível secundário em Arqueologia (Jorge, 1985, p. 178), disponibilizada a partir de 1990, na Escola Profissional de Arqueologia do Freixo, Marco de Canaveses (Real, 1995, p. 24-25; Dias, 1998, p. 38) e alguns anos depois na delegação de Mértola da Escola Profissional Bento de Jesus Caraça, hoje Escola Profissional da ALSUD. Funcionou ainda, durante pouco tempo, o curso de Assistente de Arqueólogo na Escola Profissional de Setúbal. Em 1993, é criado formalmente o curso pro-

1. DGPC; UNIARQ/ Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Campo Arqueológico de Mértola – Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património / jacintabugalhao@gmail.com

fissional de Assistente de Arqueólogo (Portaria n.º 693/93 de 22 de Julho).

A formação académica superior na área científica da Arqueologia é relativamente recente em Portugal. Antes de 1970, os arqueólogos formavam-se em áreas muito diversificadas, com clara predominância da História. A licenciatura era o grau académico mais comum, obtido normalmente nas Faculdades de Letras das universidades portuguesas onde se ministravam as Humanidades. Muitos arqueólogos não possuíam formação académica superior. O ensino da Arqueologia nas universidades começou como tema disperso, em disciplinas clássicas como filologia, história de arte antiga, epigrafia (Encarnação, 1982, p. 24) e numismática. No século XIX, na Academia Real da Ciências de Lisboa, foram criados os cursos superiores de letras, nos quais figuravam as cadeiras de “História Portuguesa e Arqueologia” em 1857 (Carvalho, 2018, p. 81) e de “Arqueologia Clássica e Medieval” em 1879 (Carvalho, 2018, p. 82). No final do século, com o desenvolvimento dos estudos pré-históricos, alguns conteúdos arqueológicos marcavam presença no ensino das ciências naturais, nomeadamente na área científica da geologia. Na mesma época, foram ministrados cursos e aulas de Arqueologia em vários Seminários portugueses (Carvalho, 2018, p. 84-85). Nos anos 50 do século XX, D. Domingos de Pinho Brandão ensinou Arqueologia no Seminário Maior do Porto (Centeno, Soeiro e Sanches, 2013, p. 36).

Com a proclamação da República o ensino superior em Portugal foi reestruturado, na chamada “Reforma de 1911”. Neste âmbito, foram criadas as FLUL e FLUC, e definido o respectivo Plano de Estudos (Decreto de 9 de Maio, Diário do Governo n.º 109 de 11 de Maio de 1911). Assim, nestas faculdades, passou a ser ministrado o curso de *Sciencias historicas e geographicas* que incluía no seu plano de estudos as disciplinas de *archeologia*, *epigraphia* e *numismatica* (Encarnação, 1982, p. 24; Carvalho, 2018, p. 82).

A reforma das leis orgânicas das Faculdades de Letras (Decreto n.º 41.341 de 30 de Outubro de 1957) destinadas aos estudos humanísticos contemplou a licenciatura em História (que integrava as disciplinas de Pré-História e Arqueologia) e instituiu o doutoramento em Arqueologia. O Decreto n.º 48.627 de 12 de Outubro publicado em 1968 que estabelece os planos dos cursos correspondentes aos diversos bacharelatos e licenciaturas das Faculdades de Letras mantém as disciplinas de Pré-História e Arqueolo-

gia integradas na licenciatura em História.

Na Universidade de Coimbra, em 1885, Bernardino Machado criou a disciplina de Antropologia, Paleontologia Humana e Arqueologia Pré-Histórica (Fabião, 2011, p. 119; Carvalho, 2018, p. 83). Vergílio Correia iniciou o ensino da Arqueologia na Universidade de Coimbra em 1921 (Fabião, 2011, p. 173-174), que se prolongou por mais de duas décadas. Por sua proposta, em 1929, a Universidade de Coimbra adquire um terreno em Conimbriga para o ensino prático da disciplina (Fabião, 2011, p. 174). Desde 1953, José Manuel Bairrão Oleiro e desde 1963, Jorge de Alarcão, conduziram o ensino da Arqueologia na FLUC.

Na FLUL, em 1911, o Director do *Museu Ethnologico* de Belém, José Leite de Vasconcellos leccionou Arqueologia (Fabião, 2011, p. 163) e, a partir de 1913, o ensino da Arqueologia nesta faculdade passou a ser assegurado pelo Director do *Museu Ethnologico*, assim como a direcção do museu era assegurada pelo professor de Arqueologia da faculdade (Fabião, 2011, p. 163). Em 1929, os postos de director do *Museu Ethnologico* e professor de Arqueologia da FLUL foram formalmente associados (Fabião, 1999, p. 119). Assim, em 1930, Manuel Heleno assumiu ambas as funções (Fabião, 2011, p. 171). Nos anos 60, a cátedra da Arqueologia na FLUL foi assumida por Manuel Farinha dos Santos e Fernando de Almeida (Cardoso, 2005).

Na Universidade do Porto, a partir de 1911, Mendes Correia ensinou Antropologia na Faculdade de Ciências, na qual chegou a catedrático (Fabião, 1999, p. 120). O mesmo arqueólogo ensinou a Arqueologia na FLUP (Fabião, 2011, p. 170), entre 1919 e 1922 (Centeno, Soeiro e Sanches, 2013, p. 33). Em 1961, após a restauração da FLUP (Centeno, Soeiro e Sanches, 2013, p. 35) são aí disponibilizados os cursos de licenciatura em História e de doutoramento em Arqueologia (Centeno, Soeiro e Sanches, 2013, p. 36). A partir de 1968, as disciplinas de Pré-História e Arqueologia ficam sob a responsabilidade de Carlos Alberto Ferreira de Almeida (Centeno, Soeiro e Sanches, 2013, p. 38).

2. AUTONOMIZAÇÃO DO ENSINO DA ARQUEOLOGIA

A seguir ao 25 de Abril, a inexistência de formação superior especializada em Arqueologia era referida como um dos muitos problemas organizacionais e estruturais da Arqueologia (Raposo, 1971; Serrão,

1977, p. 9; Arnaud, 2013, p. 77). A criação de uma licenciatura em Arqueologia era vista como indispensável à profissionalização dos arqueólogos portugueses (Marques, Pereira e Coelho, 1976, p. 7).

Entre 1974 e 1975, as Faculdades de Letras, como toda a universidade, participaram do processo revolucionário (Gonçalves, 1983-1984, p. 11; Gonçalves, 1997, p. 27), designadamente através de iniciativas plenárias de alunos, que afastaram parte considerável do antigo corpo docente e, como aconteceu na FLUL, “elegeram” os novos professores de Arqueologia². Em contexto pós-revolucionário, aumentaram os ingressos no ensino superior (Arnaud, 2013, p. 77) e em 1975, foram reformados os planos de estudos em História, do bacharelato (três anos) e da especialização/licenciatura (2 anos). O segundo ciclo/licenciatura subsistiu nas três Faculdades de Letras com a denominação de “pré-especialização” em Arqueologia (Arnaud, 2013, p. 77; Centeno, Soeiro e Sanches, 2013, p. 38), assumindo, por vezes, configuração mais especializada: História com “pré-especialização” em Pré-História (Porto), História com “pré-especialização” em Arqueologia Clássica (Coimbra) (Encarnação, 1982, p. 24).

A chamada “Reforma Sotto Mayor Cardia” (Decreto n.º 53/78 de 31 de Maio) reformulou os cursos de licenciatura das Faculdades de Letras, mantendo a disciplina de Pré-História como obrigatória no plano de estudos da licenciatura em História, mas remetendo a disciplina de Arqueologia para o estatuto de opção.

Nos últimos anos da década de 70 do século XX, as universidades “clássicas” renovaram os seus quadros docentes (Lemos, 1987, p. 7; Jorge e Jorge, 1996a, p. 153; Silva, 2002, p. 306) e as universidades “novas” (Braga e Évora) criaram áreas de investigação em Arqueologia (Lemos, 1987, p. 8). Na FLUP, onde leccionavam Arqueologia seis docentes (Centeno, Soeiro e Sanches, 2013, p. 38), foram reforçados os conteúdos relativos à Pré-História e, em 1978, foi criada a variante História de Arte e Arqueologia (Jorge, 2003a, p. 1454; Centeno, Soeiro e Sanches, 2013, p. 43).

A década de 80 do século XX trouxe um grande desenvolvimento no ensino da Arqueologia (Jorge,

2000b, p. 162). Em 1980 foi criada a variante de Arqueologia da licenciatura em História³, a ministrar, sob proposta, nas FLUL, FLUP, FLUC, FCSH-UNL e nas Universidades do Minho, Aveiro, Évora e Açores (Jorge e Jorge, 1996a, p. 147; Meireles, 2006, p. 117; Fabião, 2011, p. 180). Esta variante é criada em 1980, no Porto (Jorge e Marques, 1992, p. 36; Jorge, 2003a, p. 1454; Centeno, Soeiro e Sanches, 2013, p. 43) e em Coimbra (Encarnação, 1982, p. 24; Jorge e Marques, 1992, p. 36-37; Encarnação, 1998, p. 63), e em 1986, em Lisboa (Jorge e Marques, 1992, p. 37; Gonçalves e Fabião, 2006, p. 122). Estas licenciaturas e seus planos de estudo especializados favoreceram o recrutamento de mais docentes universitários arqueólogos (Martins e Lemos, 1989, p. 105; Lemos, 1993, p. 163; Jorge e Jorge, 1996a, p. 146; Lemos, 2007, p. 106).

Apesar da implantação progressiva das “variantes” nos anos 80, mantinha-se a necessidade de um ensino realmente especializado e autonomizado (Alves, 1982, p. 20; Jorge, 1982b, p. 2; Jorge, 1985, p. 178; Jorge, 1986, p. 2; Lemos, 1987, p. 9; Alarcão, 1989, p. 87), bem como de uma melhor preparação teórica e prática dos arqueólogos, formados ou em formação (Silva, 1989, p. 94; Arnaud, 1991, p. 14). Por um lado, considerava-se que “variantes” não constituíam formação adequada para os arqueólogos (Jorge, 1982a, p. 2; Gonçalves, 1983-1984, p. 10; Silva, 1989, p. 93), salientando-se que os seus diplomados seguiam preferencialmente a via profissional do ensino. Por outro, a criação de uma licenciatura em Arqueologia era considerada inviável (Jorge, 1985, p. 177), nomeadamente devido à inexistência de mercado de trabalho para arqueólogos (Serrão, 1977, p. 8; Gonçalves, 1983-1984, p. 10; Alarcão, 1989, p. 86-87; Martins e Lemos, 1989, p. 104; Gonçalves, 1997, p. 27; Jorge, 2000b, p. 164). A preocupação com a formação universitária em Arqueologia (Jorge, 1985, p. 180) está bem patente nos capítulos que lhe são dedicados nos números da *Informação Arqueológica* publicados entre 1977 e 1986.

A FLUP teve um papel muito relevante no processo de autonomização do ensino universitário da Arqueologia (Bugalhão, 2021, p. 164). Após as já referidas variantes, criou, em 1989, o primeiro Mestrado em Arqueologia, em Portugal (Jorge e Marques, 1992, p. 36; Jorge, 2003a, p. 1454; Jorge, 2003b, p. 130;

2. Comunicação apresentada por José Morais Arnaud nas Jornadas “Arqueologia – Património e Museus nos tempos da mudança”, 9 de Maio de 2014, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.

3. Decreto n.º 81/80 de 13 de Setembro (Diário da República n.º 212, I Série) que cria variantes Arqueologia e História da Arte da licenciatura em História.

Centeno, Soeiro e Sanches, 2013, p. 43), apesar das dúvidas manifestadas na época sobre o sucesso desta iniciativa.

Nas outras universidades, o ensino na Arqueologia manteve-se no âmbito da licenciatura em História ou mesmo em outras: na FCSH-UNL, na licenciatura em História (Jorge e Marques, 1992, p. 37); na Universidade do Minho, na licenciatura em História e Ciências Sociais (Jorge e Marques, 1992, p. 36); na Universidade do Algarve, nas licenciaturas em Estudos Portugueses e em Património Cultural (Valente *et al.*, 2016); na Universidade de Évora, na licenciatura em História (Jorge e Marques, 1992, p. 37); na Universidade Autónoma de Lisboa Luís de Camões, na licenciatura em Ciências Históricas (Jorge e Marques, 1992, p. 37); na Universidade Lusíada, na licenciatura em História (Jorge e Marques, 1992, p. 37); na Universidade dos Açores, na licenciatura em História e Ciências Sociais (Jorge e Marques, 1992, p. 37). Refram-se ainda os estabelecimentos de ensino superior com investigadores e áreas de investigação em Arqueologia, na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Jorge e Marques, 1992, p. 36), na Universidade da Beira Interior (Jorge e Marques, 1992, p. 37) e na Universidade Portucalense Infante D. Henrique (Jorge e Marques, 1992, p. 36).

Após a criação do Mestrado em Arqueologia no Porto, seguiram-se: em 1992, o Mestrado em Arqueologia na Universidade do Minho; em 1993, o Mestrado em Pré-História e Arqueologia na FLUL; em 1995, o Mestrado em Arqueologia Romana na FLUC; em 1996, o Mestrado em Arqueologia Pré-Histórica na FLUP.

Com algum atraso, mas respondendo a uma procura crescente relacionada com as grandes mudanças na Arqueologia portuguesa, é criada a licenciatura História, variante Arqueologia, em 1996, na FCSH-UNL; em 1998, na Universidade do Minho (Meireles, 2006, p. 117); e em 2000, na Universidade de Évora (Rocha, 2006, p. 125) na sequência de um processo iniciado nos anos 80 (Gonçalves, 1983-1984, p. 10).

No final dos anos 90, continuava a considerar-se a formação superior em Arqueologia insuficientemente especializada e desadequada das necessidades profissionais (Jorge, 2000a, p. 184; Zilhão, 2000a, p. 7). A formação pós-graduada em Arqueologia era vista como uma necessidade, para formar quadros que entravam crescentemente na Administração Pública central e local (Martins e Lemos, 1989, p. 105). Na FLUP, é finalmente instituída a primeira licenciatura

em Arqueologia em 1999 (Jorge, 2003a, p. 1454; Jorge, 2003b, p. 119; Soeiro, 2006, p. 118) – “passo significativo e historicamente assinalável no desenvolvimento da arqueologia em Portugal” (Silva, 1999, p. 20) – e também o curso de Doutoramento em Arqueologia (Centeno, Soeiro e Sanches, 2013, p. 44). A FLUL cria, em 2000, a licenciatura em Arqueologia e História. A criação de cursos específicos e autónomos de Arqueologia “é uma resposta a um desenvolvimento das especificidades disciplinares e das exigências sociais, por um lado, e do aumento da demografia de arqueólogos e das suas ambições e aspirações por outro” (Valera, 2005, p. 70). O ensino da Arqueologia continuava a desenvolver-se essencialmente no âmbito da História (Oosterbeek, 2004, p. 7; Oosterbeek, 2006, p. 114; Bicho, 2001, p. 17).

Nos anos 80 e 90, novos estabelecimentos de ensino, universitários e politécnicos, públicos e privados, começaram a oferecer formação em Arqueologia (Martins e Lemos, 1989, p. 105; Oosterbeek, 2004, p. 9), por vezes associada a cursos de ciências e tecnologia (Oosterbeek, 2004, p. 8; Oosterbeek, 2006, p. 114-115). No ensino superior politécnico, regista-se, em 1988, o Diploma de Especialização em Arte, Arqueologia e Restauro (Jorge e Marques, 1992, p. 37) e em 1999, a Licenciatura em Gestão do Território – Ramo Arqueologia da Paisagem, ambos no Instituto Politécnico de Tomar. A expansão do ensino da Arqueologia ao sector politécnico (Alarcão, 1989, p. 88) e a sua dispersão para um maior número de estabelecimentos levanta, então, dúvidas e críticas (Gonçalves, 1983-1984, p. 11; Alarcão, 1989, p. 88; Lemos, 1992, p. 54). Na Universidade do Minho, a Unidade de Arqueologia assume a natureza de um centro de investigação dedicado às realidades urbanas de Braga, em detrimento do ensino propriamente dito (Martins, 1989, p. 171; Silva, 2002, p. 307).

Em 1995, no âmbito do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP), foi criada a Comissão Interuniversitária de Arqueologia (Oliveira, 2020, p. 83-85), onde se fizeram representar as Universidades de Coimbra, Lisboa, Porto, Minho, Algarve, Évora, Beira Interior e a Universidade Católica Portuguesa; a que se juntaram de seguida as Universidades Nova de Lisboa, Aberta, dos Açores e de Trás-os-Montes e Alto Douro (Oliveira, 2020, p. 84). A Comissão trabalhou sobre as problemáticas do ensino da Arqueologia, exigindo que “a Arqueologia deverá deixar de ser considerada como Ciência Auxiliar da História nas listas classificativas da JNICT”,

ou seja, “a autonomização da Arqueologia como Ciência Humana” (Oliveira, 2020, p. 93, Acta da reunião realizada em 4 de Julho de 1995).

Com o dealbar do século XXI, assiste-se ao aumento (Silva, 2002, p. 309; Silva, 2005, p. 17; Valera, 2005, p. 70) e à diversificação da oferta no ensino superior em Arqueologia (Bicho, 2001, p. 14; Silva, 2002, p. 300; Oosterbeek, 2004, p. 9), nomeadamente com uma aproximação às áreas de gestão do Património (Bicho, 2001, p. 15; Gamito, 2003, p. 140; Valente *et al.*, 2016). Nesta fase, os planos de estudo procuram responder às novas necessidades, com a inclusão de conteúdos metodológicos e de maior componente prática (Bicho, 2001, p. 18). Aliás, na primeira década do século, debate-se vivamente se a universidade deve ou não oferecer uma formação profissionalizante, entre os que discordam (Fabião, 2006, p. 38) e os que clamam por uma preparação académica dos arqueólogos mais adaptada às suas necessidades profissionais futuras (Valera, 2001, p. 11; Valera, 2005, p. 75 e 137; Almeida e Neves, 2006, p. 89; Valera, 2006b, p. 23), nomeadamente em contexto empresarial (Oosterbeek, 2004, p. 10) e em Arqueologia preventiva (Valera, 2005, p. 73; Valera, 2006b, p. 24). Propõem-se estágios curriculares em empresa (Valera, 2006b, p. 25) e destaca-se a importância do apoio das universidades na investigação de realidades intervencionadas em contexto preventivo (Valera, 2006b, p. 26; Fabião, 2006, p. 33). Nesta fase, a formação superior em Arqueologia afirmou-se em função do crescimento exponencial do mercado de trabalho para arqueólogos (Silva, 2002, p. 309; Gamito, 2003, p. 139-140; Silva, 2003, p. 125; Rocha, 2015, p. 10).

A reforma de Bolonha procedeu à harmonização dos diplomas do ensino superior a nível europeu, procurando aprofundar a relação entre formação académica e exercício profissional (Oosterbeek, 2004, p. 12; Bicho, 2001, p. 16; Silva, 2007, p. 14), também implementada em Portugal (Oosterbeek, 2004, p. 7; Raposo, 2006), tendo como consequência, alguns anos mais tarde, a alteração dos requisitos para acesso à direcção dos trabalhos arqueológicos (Real e Alfaro, 2006, p. 10; Valera, 2006a, p. 113). A lógica de Bolonha, nomeadamente, a configuração do seu primeiro ciclo, pretendia, de alguma forma, substituir a formação profissional de nível secundário (Oosterbeek, 2004, p. 10), o que de facto vem a acontecer, já em 2023, com o encerramento da Escola Profissional de Arqueologia, em Marco de Canaveses.

Nas duas primeiras décadas do século XXI a oferta de ensino superior em Arqueologia é considerável em quantidade, variedade e dispersão no território (Lemos, 2007, p. 107). O esforço de adaptação entre planos de estudo e as necessidades sociais e profissionais revela-se numa certa instabilidade nos cursos e planos de estudo disponíveis. As universidades criaram as suas licenciaturas em Arqueologia: em 2003, na FLUC, a em Arqueologia e História; e na Universidade do Minho, em Arqueologia; em 2006, na FLUL e na FCSH-UNL, em Arqueologia (Gomes, 2006, p. 124). Nas universidades mais recentes e pequenas sucedeu-se a criação de novos cursos de licenciatura e a alteração de planos de estudo (muitas vezes determinados pela implementação de Bolonha): em 2004, no Instituto Politécnico de Tomar, Gestão do Território e do Património Cultural – Ramo Arqueologia; em 2006, no Instituto Politécnico de Tomar, Técnicas de Arqueologia; em 2008, na Universidade de Évora, História – Percurso Arqueologia; em 2008, na Universidade do Algarve, Arqueologia; em 2008, na Universidade de Évora, História e Arqueologia; em 2012, na Universidade do Algarve, Património Cultural e Arqueologia.

A oferta de mestrados e doutoramentos (pré e pós Bolonha) também se sucede. Na FLUC, surgiu o mestrado em Arqueologia Regional (2002) e em Arqueologia e Território (2008) e o 3.º ciclo de estudos em Arqueologia (2011). Na FLUL e na FLUP, em 2007, foram criados ou adaptados novos cursos de mestrado e doutoramento em Arqueologia. Na FCSH-UNL, após o funcionamento dos mestrados em História e Arqueologia dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa e História e Arqueologia Medievais, criados em 2001, iniciou-se em 2007, o mestrado em Arqueologia; em 2010, foi criado o doutoramento em Arqueologia. Na Universidade do Minho, em 2003, foi criado o doutoramento em Arqueologia e sucederam-se entre 2007 e 2012 adaptações e alterações do mestrado em Arqueologia. Na Universidade do Algarve foram também alterados e adaptados os mestrados e doutoramentos em Arqueologia. Na Universidade de Évora foram criados o mestrado em Arqueologia e Ambiente (2007) e o doutoramento em Arqueologia (2010). A Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro criou, em 2007, o doutoramento em Quaternário, Materiais e Culturas e, em 2005, em colaboração com o Instituto Politécnico de Tomar, o mestrado em Arqueologia Pré-Histórica e Arte Rupestre. Em 2010, o Instituto

Politécnico de Tomar iniciou o mestrado em Técnicas de Arqueologia.

Na Universidade de Lisboa, funcionam na Faculdade de Ciências, o mestrado em Geoarqueologia, a partir de 2008; e na Faculdade de Belas Artes, o mestrado de Arqueologia Pública, Arte e Museologia, a partir de 2010.

Ao nível dos estabelecimentos privados, registaram-se os mestrados: de Arqueologia, na Universidade Fernando Pessoa, em 2007; de História da Náutica e Arqueologia Naval, na Universidade Autónoma de Lisboa Luís de Camões, em 2008; de Arqueologia, na Universidade Portucalense Infante D. Henrique, em 2009; e de História, Arqueologia e Património, na Universidade Autónoma de Lisboa Luís de Camões, em 2011. Em 2014, na oferta de ensino superior em Arqueologia em Portugal, registavam-se oito cursos de licenciatura, oito cursos de mestrado e sete cursos de doutoramento, com uma razoável diversidade de conteúdos curriculares (Bugalhão, 2021, p. 170).

No ano lectivo 2023/2024, são ministrados, em Portugal, cursos de licenciatura/1.º ciclo em Arqueologia, na FCSH-UNL, FLUC, FLUL, FLUP, Universidade do Minho; em História e Arqueologia, na Universidade de Évora; em Património Cultural e Arqueologia, na Universidade do Algarve (com um total de 204 vagas). Ao nível de mestrado/2.º ciclo, estão disponíveis os cursos em Arqueologia, na FCSH-UNL, FLUL, FLUP, Universidade do Algarve, Universidade de Évora e Universidade do Minho; em Arqueologia e Território, na FLUC; e em Técnicas de Arqueologia, no Instituto Politécnico de Tomar. Finalmente, registam-se os cursos de doutoramento/3.º ciclo em Arqueologia na FCSH-UNL, FLUC, FLUP, Universidade do Algarve, Universidade de Évora e Universidade do Minho; e em Arqueologia e Pré-História na FLUL.

Concluindo, desde o final do século XX, verificou-se uma enorme evolução no ensino superior da Arqueologia, em Portugal. A oferta de ensino nesta área científica abrange vários níveis (licenciatura, pós-graduação, mestrado e doutoramento), dispersando-se num total de catorze estabelecimentos de ensino, públicos e privados, universitários e politécnicos. A oferta formativa é razoavelmente diferenciada, normalmente filiada nas Humanidades e, mais raramente, às Ciências e Tecnologias. A composição e evolução dos planos de estudo merecia estudo detalhado, mas, aparentemente, decorrem com

alguma frequência das valências do corpo docente disponível (Valera, 2005, p. 73). Verifica-se tendência de aumento das unidades curriculares específicas da área científica da Arqueologia, a diversificação e especialização de conteúdos, ao nível científico (geologia, arte rupestre, arqueologia náutica e subaquática e diversos horizontes cronológicos) ou aplicado (ambiente, museologia, património, gestão do território, técnicas arqueológicas).

Ao nível dos mestrados e doutoramentos cumpre referir que, ao contrário de outros estudos (Bugalhão, 2021, p. 159 e ss.; 289-290), foram apenas considerados os cursos ministrados em estabelecimentos de ensino superior portugueses, na área científica da Arqueologia. Deve ainda salientar-se que, em Portugal, é frequente a elaboração de teses, dissertações, relatórios de estágio e projecto, sobre temática arqueológica, mas em cursos em outras áreas científicas, como História, Evolução e Biologia Humanas (Antropologia, Arqueologia Forense), Ciências e Engenharias (Geologia, Geografia, Física, Química, Sistemas de Informação e Informática), Humanidades (Filosofia, Literatura), Arquitectura e Artes, Conservação e Restauro, Museologia, Património, Cultura e Turismo (Bugalhão, 2021, p. 173).

Finalmente, impõe-se referir que os arqueólogos portugueses estudam no estrangeiro em número crescente, principalmente ao nível do doutoramento/3.º ciclo, embora esta opção seja progressivamente menos representativa em termos relativos, considerando a maior oferta dos estabelecimentos de ensino superior portugueses.

3. DIPLOMADOS

Os dados quantitativos e evolutivos disponíveis relativamente à obtenção de graus académicos superiores – Licenciatura/1.º ciclo de Bolonha, Mestrado/2.º ciclo de Bolonha e Doutoramento/3.º ciclo de Bolonha, adiante referidos abreviadamente como “licenciatura”, “mestrado” e “doutoramento” – em Arqueologia, em Portugal, já foram alvo de estudos anteriores (Bugalhão, 2021, p. 171-175). Relativamente às licenciaturas, recorreu-se aos dados estatísticos da DGEEC (disponíveis apenas entre 1993 e 2021). Estando omissos os dados relativos aos diplomados em História, com “pré-especialização” em Arqueologia (na segunda metade dos anos 70 – início dos anos 80 do século XX) e em História – Variante Arqueologia (nos anos 80 e 90 do século XX), apre-

sentam-se valores estimados, com base no levantamento das habilitações académicas dos arqueólogos em actividade no país, nesse intervalo temporal (Bugalhão, 2021, p. 287-288). Relativamente aos mestrados e doutoramentos, utilizaram-se os dados anteriormente coligidos (Bugalhão, 2021, p. 173-175) relativamente aos diplomados em Arqueologia em estabelecimentos de ensino superior portugueses, entre 1970 e 2014. Entre 2015 e 2021, recorreu-se aos dados estatísticos disponibilizados pela DGEEC.

3.1. Licenciatura

Entre o final dos anos 70 e meados dos 90, do século XX, registam-se cerca de 350 licenciados em História com “pré-especialização” em Arqueologia e na variante Arqueologia da licenciatura em História; entre 1995 e 2021, graduaram-se 2.574 licenciados em Arqueologia. Assim, entre o final dos anos 70 e 2021, concluíram-se quase 3.000 licenciaturas em Arqueologia, distribuídas pela FLUC (23%), FLUP (22%), FLUL (18%), FCSH-UNL (16%), Universidade do Minho (12%), Universidade de Évora (5%), Universidade do Algarve (3%) e Instituto Politécnico de Tomar (1%).

Em termos evolutivos, entre 1975 e 2021, verifica-se uma tendência de crescimento do número de licenciados em Arqueologia até 2009, seguindo-se uma fase de estabilização entre 2010 e 2014, seguindo-se uma tendência de descida ligeira até 2021 (fig. 2). A evolução de número de licenciados por ano em Arqueologia diverge ligeiramente da evolução do número de licenciados por ano em Portugal que regista tendência de crescimento ligeiro entre 2016 e 2021 (Pordata).

3.2. Mestrado

Entre 1985 e 2021, contabilizam-se 887 diplomados no grau de mestrados/2.º ciclo em Arqueologia, obtidos em estabelecimentos de ensino superior portugueses, distribuídos pela FLUP (19%), Universidade de Évora (16%, incluindo *Erasmus Mundus*), FLUL (15%), FCSH-UNL (15%), FLUC (12%), Instituto Politécnico de Tomar/UTAD 9%, incluindo *Erasmus Mundus*), Universidade do Minho (7%), Universidade do Algarve (5%) e outros estabelecimentos de ensino superior portugueses (3%).

A partir dos anos 90 do século XX, e até 2019, regista-se um aumento significativo de graduados com mestrado, tendência posteriormente acentuada pe-

la implementação de Bolonha no ensino superior português e pela alteração do regime jurídico de enquadramento da actividade arqueológica (Almeida, 2007, p. 143; Bugalhão, 2021, p. 307). O número de mestres em Arqueologia, neste período, cresce a um ritmo superior ao registado a nível nacional neste nível de formação (Pordata). Entre 2020 e 2021, o ritmo de graduações em mestrado parece estabilizar ou mesmo abrandar.

3.3. Doutoramento

Foram analisados os doutoramentos em Arqueologia obtidos em estabelecimentos de ensino superior portugueses, entre 1970 e 2021, tendo-se apurado 148 diplomados, distribuídos por: FLUC (19%), FLUP (19%), FLUL (18%), Universidade do Minho (11%), Universidade do Algarve (11%), FCSH-UNL (8%), Universidade de Évora (7%), UTAD (5%) e outros estabelecimentos de ensino superior portugueses (2%).

Entre 1975 e 2009, o número de diplomados com grau de doutor em Portugal registou tendência de crescimento ligeiro. Entre 2010 e 2014, registou-se um valor anormalmente elevado de doutoramentos, inclusivamente durante a crise económica, provavelmente em consequência do incremento na atribuição de bolsas pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (Bugalhão, 2021, p. 175). Entre 2020 e 2021, regista-se aparentemente, uma diminuição no ritmo dos graduados, à semelhança do observado para os mestrados. A curva de evolução dos doutoramentos em Arqueologia diverge da tendência a nível nacional que registou crescimento até 2014, seguindo-se um período de estabilidade ou mesmo ligeira redução, até 2021 (Pordata).

3. O ENSINO DA ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

O ensino superior da Arqueologia em Portugal iniciou-se entre o final do século XIX e no início do século XX nas Universidades de Coimbra, Lisboa e Porto. As disciplinas de Arqueologia e Pré-História foram ensinadas no âmbito das Humanidades, nomeadamente da História, situação que se manteve até ao final do século XX, ao nível da licenciatura. Em 1957, foi instituído o grau de doutor em Arqueologia e História de Arte, nas Faculdades de Letras daquelas três universidades.

Entre meados dos anos 70 e os anos 90 do século XX, sucederam-se cursos com um grau de especialização superior, como foi o caso das licenciaturas com “pré-especialização” em Arqueologia, das variantes Arqueologia do curso de História, mas principalmente, dos mestrados em Arqueologia. O número de estabelecimentos de ensino superior envolvido no ensino da Arqueologia aumentou, diversificou-se e disseminou-se no território, principalmente a partir dos anos 90 do século XX (Bugalhão, 2021, p. 178). As licenciaturas em Arqueologia generalizaram-se no século XXI, com uma diversidade de oferta e elevado dinamismo e/ou instabilidade ao nível da estrutura e planos de estudos. No contexto de plena profissionalização dos arqueólogos, aprofunda-se a necessidade de um ensino mais próximo da prática arqueológica e a oferta formativa assume, por vezes, um carácter mais profissionalizante. Com a implementação de Bolonha, a evolução social e cultural do país e a alteração do regime jurídico de enquadramento da actividade arqueológica, o número de licenciados, mestres e doutores em Arqueologia cresce consideravelmente, à semelhança do que ocorre também nas outras áreas científicas.

Em 1995, a esmagadora maioria dos arqueólogos em Portugal eram licenciados, predominantemente em História e em História, variante Arqueologia (Bugalhão, 2021, p. 179), constituindo este grau a habilitação académica de base dos arqueólogos em actividade em Portugal, entre 1970 e 2014 (APA, 2014, p. 50; Bugalhão, 2017, p. 23; 30; Bugalhão, 2021, p. 307). Após o primeiro doutoramento em Arqueologia obtido em 1974, o número de doutoramentos é relativamente reduzido até ao fim do século XX (Jorge, 1986, p. 2; Alarcão, 1989, p. 87; Jorge e Marques, 1992, p. 36; Jorge, 2000b, p. 159; Bugalhão, 2017, p. 23; 30). Numa primeira fase, o doutoramento não é visto como um momento formativo normal para os arqueólogos (Alarcão, 1989, p. 87; Jorge, 2000b, p. 159). Mas pouco a pouco, o número de doutorados vai aumentando, nas décadas de 80 (Lemos, 1992, p. 57), de 90 (Silva, 2002, p. 309) e principalmente na primeira década do século XXI (Lemos, 2007, p. 107). Estes graus foram obtidos, normalmente, por arqueólogos profissionais e experientes, em diversos estabelecimentos portugueses de ensino superior, mas também, em elevado número, no estrangeiro, o que demonstra a crescente internacionalização da Arqueologia portuguesa (APA, 2014, p. 51; Bugalhão, 2021, p. 179).

Os estabelecimentos de ensino superior portugueses dedicados ao ensino da Arqueologia demonstraram definir e implementar estratégias diferenciadas na sua oferta formativa (e também na investigação) em Arqueologia, quer ao nível dos conteúdos curriculares, quer ao nível do investimento desenvolvido para cada grau/ciclo de estudos. As universidades “clássicas” de Porto, Coimbra e Lisboa formaram um maior número de arqueólogos (APA, 1995, p. 6; APA, 2014, p. 51) e juntamente com a FCSH-UNL e a Universidade do Minho revelam resultados relativos semelhantes ao nível de licenciaturas, mestrados e doutoramentos atribuídos. Os estabelecimentos de ensino mais jovens revelam um maior investimento nos graus de mestrado e doutoramento (nomeadamente, as Universidade do Algarve e de Évora e a parceria entre a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e o Instituto Politécnico de Tomar). A capacidade de captação de alunos é considerada uma demonstração de eficiência dos estabelecimentos de ensino superior, bem como do impacto e da justificação social da Arqueologia na sociedade contemporânea (Diniz, 2008, p. 28-29).

No século XXI regista-se um aumento exponencial de mestrados e doutoramentos em Arqueologia (Lemos, 2007, p. 107). A evolução da formação superior em Arqueologia no nosso país produziu uma alteração muito significativa no nível habilitacional dos arqueólogos em Portugal, que evoluiu da quase ausência ou indistinção, para um padrão de elevada, cumulativa e especializada qualificação académica e científica (Bugalhão, 2017, p. 23, 30; Bugalhão, 2021, p. 181).

A formação académica superior em Arqueologia no país, entre 1970 e 2021, produziu cerca de 4.000 diplomados, observando-se uma tendência de aumento entre 1975 e 2014 e um aparente abrandamento no ritmo de graduações a partir de 2015, excepto nos mestrados que continuam com tendência de crescimento até 2019.

Não se encontram ainda disponíveis dados estatísticos sobre o número de diplomados no ensino superior nos anos 2022 e 2023, em Portugal. Por esta razão, de momento, não é possível avaliar os efeitos, imediatos e cumulativos, da Pandemia de Covid 19 (2020 - 2022), quer no ensino superior em geral, quer ao nível da Arqueologia. Contudo, os dados disponíveis e aqui apresentados parecem enunciar uma mudança de ciclo, aparentemente, no sentido de uma estabilização do número de graduados por ano, nos

diversos níveis/ciclos de estudos. Diversos factores podem concorrer para esta realidade, como a evolução demográfica, a internacionalização do ensino superior a nível europeu, o mercado e condições de trabalho em Arqueologia (Bugalhão, 2021, pp. 636-637), ou a implantação crescente de modelos informais de aquisição de competências.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge (1989) – A Arqueologia em Portugal, hoje. Entrevista de Luís Raposo. *Vértice*. Coimbra. II Série, 18, pp. 83-91.

ALMEIDA, Maria José (2007) – Inquérito Nacional à Actividade Arqueológica: uma segunda leitura sobre a actividade arqueológica nas autarquias portuguesas. *Praxis Arqueológica – Revista Electrónica de Teoria, Metodologia e Política da Arqueologia*. Porto. 2, pp. 129-169.

ALMEIDA, Miguel; NEVES, Maria João (2006) – Arqueologia Low-cost. Fatalidade nacional ou opção de classe? O modelo empresarial. *Al-Madan*. Almada. II Série, 14, pp. 86-91.

ALVES, Francisco J. S. (1982) – Questões da Arqueologia Nacional: entrevista com Francisco J. S. Alves. *Al-Madan*. Almada. I Série, 0, pp. 19-20.

APA (2014) – *DISCO. Discovering the Archaeologists of Portugal 2012-14*. Associação Profissional de Arqueólogos, 149 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/31261> (acedido em 3 de Outubro de 2014).

ARNAUD, José Morais (1991) – Palavras de abertura do Secretário-Geral das Jornadas. In *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 13-14.

ARNAUD, José Morais, ed. (2013) – *Memória e intervenção. 150 Anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 110 p.

BICHO, Nuno Ferreira (2001) – O ensino da Arqueologia em Portugal. *Era - Arqueologia, Revista de Divulgação Científica de Estudos Arqueológicos*. Lisboa. 3, pp. 14-19.

BUGALHÃO, Jacinta (2017) – Arqueólogos Portugueses. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea, eds. – *Arqueologia em Portugal. 2017. Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 19-31.

BUGALHÃO, Jacinta (2021) – *A Arqueologia em Portugal entre o final do século XX e o início do século XXI*. Tese de doutoramento em Arqueologia apresentada na Faculdade de Letras de Lisboa, com orientação de Carlos Fabião. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/50041>.

CARDOSO, João Luís (2005) – D. Fernando de Almeida: breve evocação no centenário do seu nascimento. *Ebvrobriga*. Fundão. 3, pp. 22-28.

CARVALHO, Daniel Martins da Silva Rodrigues de (2018) – O Ensino da Arqueologia no Século XIX. Uma abordagem preliminar de propostas, programas e cursos. *Al-Madan online*. Almada. II Série, 22(1), pp. 80-85. Disponível em: https://issuu.com/almadan/docs/al-madanonline22_1 (acedido em 24 de Setembro de 2020).

CENTENO, Rui; SOEIRO, Teresa; SANCHES, Maria de Jesus (2013) – Caminhos e encruzilhadas. O ensino e a investigação em Arqueologia na Faculdade de Letras da U.P. *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património* (Homenagem a Armando Coelho Ferreira da Silva). Porto. XIII, pp. 31-48.

DGEEC, s.d. – *Página na Internet da Direcção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência*. Disponível em: <https://www.dgeec.mec.pt/np4/EstatDiplomados/> (acedido em Julho de 2023).

DIAS, Lino Tavares (1998) – A Escola Profissional de Arqueologia enquanto instituição de suporte para a investigação arqueológica. In SILVA, Maria Isabel; MAIA, Maria Isaura dos Santos; SOUSA, Maria José Carvalho e; PINTO, Paulo Costa, eds. – *Encontros Cem anos de Arqueologia “O Archeólogo Português”*. Vila do Conde: Associação de Protecção do Património Arqueológico de Vila do Conde, pp. 37-40.

DINIZ, Mariana (2008) – Arqueologia – Divulgação – Universidade: palavras-chave para um novo contrato social. *Praxis Arqueológica – Revista Electrónica de Teoria, Metodologia e Política da Arqueologia*. Porto. 3, pp. 25-30.

ENCARNAÇÃO, José d’ (1982) – O ensino da Epigrafia em Portugal. *Munda*. Coimbra. 3, pp. 23-26.

ENCARNAÇÃO, José d’ (1998) – O Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra. In SILVA, Maria Isabel; MAIA, Maria Isaura dos Santos; SOUSA, Maria José Carvalho e; PINTO, Paulo Costa, eds. – *Encontros Cem anos de Arqueologia “O Archeólogo Português”*. Vila do Conde: Associação de Protecção do Património Arqueológico de Vila do Conde, pp. 63-66.

FABIÃO, Carlos (1999) – Um século de Arqueologia em Portugal - I. *Al-Madan*. Almada. II Série, 8, pp. 104-126.

FABIÃO, Carlos (2006) – A Universidade e as empresas de arqueologia: vias para uma relação desejável. *Era - Arqueologia, Revista de Divulgação Científica de Estudos Arqueológicos*. Lisboa. 7, pp. 30-40.

FABIÃO, Carlos (2011) – *Uma História da Arqueologia Portuguesa. Das origens à descoberta da Arte do Cão*. Lisboa: Clube do Coleccionador dos Correios/CTT Correios de Portugal, 192 p.

GAMITO, Teresa Júdice (2003) – A Arqueologia: que perspectivas profissionais? *Arqueologia & História*. Lisboa. 55, pp. 137-140.

GOMES, Rosa Varela (2006) – O Ensino da Arqueologia na Universidade Nova de Lisboa. *Al-Madan*. Almada. II Série, 14, p. 124.

- GONÇALVES, Victor (1980) – *Estácio da Veiga: um programa para a instituição dos estudos arqueológicos em Portugal 1880-1891* (Clássicos da Historiografia Portuguesa/Opúsculos, 3). Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa/Cooperativa Editora “História Crítica”, 25 p.
- GONÇALVES, Victor (1983-1984) – Apresentação, seguida de uma Pavana por uma arqueologia (quase) defunta, com votos de pronto restabelecimento. *Clio/Arqueologia*. Lisboa, 1, pp. 9-15.
- GONÇALVES, Victor (1997) – Universidades e gestão do Património. In *1º Colóquio de Gestão do Património Arqueológico: perspectivas de diálogo* (Arkeos, Perspectivas de Diálogo, 1). Tomar: Instituto Politécnico de Tomar, pp. 23-29.
- GONÇALVES, Victor S.; FABIÃO, Carlos (2006) – Faculdade de Letras de Lisboa: os dois primeiros ciclos do ensino da Arqueologia, de acordo com o modelo derivado dos “Protocolos de Bolonha”. *Al-Madan*. Almada. II Série, 14, pp. 122-123.
- JORGE, Susana Oliveira (2003a) – A Faculdade de Letras da Universidade do Porto e a Pré-História do Norte de Portugal: notas para a história da investigação dos últimos vinte e cinco anos. In *Os Reinos Ibéricos na Idade Média: livro de homenagem ao Professor Doutor Humberto Carlos Baquero Moreno*, Porto: Universidade do Porto/Faculdade de Letras, vol. 3, pp. 1453-1482.
- JORGE, Susana Oliveira; JORGE, Vítor Oliveira (1996a) – Arqueologia portuguesa no séc. XX: alguns tópicos para um balanço. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. XXXVI, pp. 143-158.
- JORGE, Vítor Oliveira (1982a) – A “Arqueologia” em 1982. *Arqueologia*. Porto. 5, pp. 1-3.
- JORGE, Vítor Oliveira (1982b) – A Arqueologia e a Universidade: um ponto de vista. *Arqueologia*. Porto. 6, pp. 1-4.
- JORGE, Vítor Oliveira, coord. (1985) – Mesa Redonda Arqueologia e o Papel dos Jovens. Conclusões. *Arqueologia*. Porto. 11, pp. 177-181.
- JORGE, Vítor Oliveira (1986) – Sobre a importância de se organizar a arqueologia portuguesa por meio de projectos e de se definir uma hierarquia de competências de quem neles intervém. *Arqueologia*. Porto. 13, pp. 2-5.
- JORGE, Vítor Oliveira (2000a) – 1996 – A Arqueologia portuguesa num momento de viragem. Reflexões sobre o seu estado actual e sobre as linhas orientadoras da sua reestruturação. In *Arqueologia Património e Cultura*. Lisboa: Instituto Piaget, pp. 167-191.
- JORGE, Vítor Oliveira (2000b) – Arqueologia em Portugal (1974-1989): algumas reflexões. In *Arqueologia Património e Cultura*. Lisboa: Instituto Piaget, pp. 155-166.
- JORGE, Vítor Oliveira (2003b) – Arqueólogos (portugueses, e não só): primeiros contributos para uma (breve) tipologia. *Arkeos, perspectivas em diálogo*. Tomar. 14, pp. 119-158.
- JORGE, Vítor Oliveira; MARQUES, Teresa (1992) – A Arqueologia nas Universidades. *Al-Madan*. Almada. II Série, 1, pp. 36-38.
- LEMO, Francisco Sande (1987) – As três idades da arqueologia portuguesa. *Forum*. Braga. 2, pp. 5-11.
- LEMO, Francisco Sande (1992) – Arqueologia portuguesa: próximo futuro. Previsões para a última década do II milénio. *Forum*. Braga. 11, pp. 53-64.
- LEMO, Francisco Sande (1993) – Nevoeiro na Arqueologia. A propósito de dois textos publicados na revista *Almadan* (série II, nº 1). *Forum*. Braga. 12-13, pp. 161-168.
- LEMO, Francisco Sande (2007) – Memórias do tempo recente... para registo futuro. *Al-Madan*. Almada. II Série, 15, pp. 106-109.
- MARQUES, Gustavo; PEREIRA, Jorge Paulino; COELHO, Luís (1976) – *Reestruturação da actividade arqueológica em Portugal*. Lisboa: edição dos autores (impresso na Tipografia Tondelense, Tondela), 10 p.
- MARTINS, Manuela (1989) – Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. *Arqueologia*. Porto. 20, pp. 170-171.
- MARTINS, Manuela; LEMO, Francisco Sande (1989) – A Arqueologia em Portugal, hoje. Depoimento. *Vértice*. Coimbra. II Série, 18, pp. 104-106.
- MEIRELES, José (2006) – A Arqueologia na Universidade do Minho. *Al-Madan*. Almada. II Série, 14, pp. 116-117.
- OLIVEIRA, Jorge de (2020) – Elementos para a História da Arqueologia Universitária: a Comissão Inter-Universitária de Arqueologia e o 1º Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia. *Scientia Antiquitatis*. Évora. 1, pp. 81-174. Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/28119> (acedido em 3 de Setembro de 2020).
- OOSTERBEEK, Luiz (2004) – Ensino Superior e Empresas de Arqueologia: uma relação imprescindível. *Era - Arqueologia, Revista de Divulgação Científica de Estudos Arqueológicos*. Lisboa. 6, pp. 6-15.
- OOSTERBEEK, Luiz (2006) – Bolonha e Arqueologia: algumas reflexões. *Al-Madan*. Almada. II Série, 14, pp. 114-116.
- PORDATA, s.d. – *Pordata, Base de Dados de Portugal Contemporâneo*. Fundação Francisco Manuel dos Santos. Disponível em: <http://www.pordata.pt/> (acedido em Julho de 2023).
- RAPOSO, Luís (1971) – Um passado sem futuro? O muito que falta em Portugal à arqueologia e aos arqueólogos. *Diário de Lisboa*, edição de 11 de Dezembro de 1971.
- RAPOSO, Jorge (2006) – Bolonha e o Ensino da Arqueologia e de Áreas de Conhecimento Afins. *Al-Madan*. Almada. II Série, 14, pp. 102-110.
- REAL, Fernando C. S. (1995) – A Arqueologia Portuguesa em mapas e números. In JORGE, Vítor Oliveira, ed. – *1.º Congresso de Arqueologia Peninsular. Actas, VIII* (Trabalhos de

Arqueologia e Etnologia, XXXV: 4). Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, pp. 19-40.

REAL, Fernando; ALFARO, Leonor (2006) – Legislação e Regulamentos em preparação em 2005. *Praxis Arqueológica – Revista Electrónica de Teoria, Metodologia e Política da Arqueologia*. Porto. 1, pp. 9-13.

ROCHA, Leonor (2006) – A Arqueologia na Universidade de Évora. *Al-Madan*. Almada. II Série, 14, p. 125.

ROCHA, Leonor (2015) – Arqueologia Profissional versus Arqueologia de Investigação: a situação portuguesa. *ARPI, Arqueología y Prehistoria del Interior Peninsular*. Madrid. 2, pp. 4-13.

SERRÃO, Eduardo da Cunha (1977) – Inauguração das III Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 7-9.

SILVA, António Carlos (1989) – A Arqueologia em Portugal, hoje. Depoimento. *Vértice*. Coimbra. II Série, 18, pp. 93-94.

SILVA, António Carlos (2002) – Das propostas de Estácio da Veiga (1880) à criação do Instituto Português de Arqueologia (1996) – cem anos de equívocos na gestão do património arqueológico. *Arqueologia & História*. Lisboa. 54, pp. 299-315.

SILVA, António Carlos (2003) – Conflito, mediação e regulação de interesses na “Arqueologia Preventiva”. *Arqueologia & História*. Lisboa. 55, pp. 123-127.

SILVA, António Manuel S. P. (1999) – Profissionalização sem renovação? *Al-Madan*. Almada. II Série, 8, pp. 19-20.

SILVA, António Manuel S. P. (2005) – A Arqueologia-Modo-de-Vida é ainda Investigação? *Al-Madan*. Almada. II Série, 13, pp. 17-19.

SILVA, António Manuel S. P. (2007) – A Al-Madan. Crónica da Arqueologia portuguesa nos últimos 25 anos... *Al-Madan*. Almada. II Série, 15, pp. 13-14.

SOEIRO, Teresa (2006) – Licenciatura em Arqueologia na Universidade do Porto: adequação ao “Processo de Bolonha”. *Al-Madan*. Almada. II Série, 14, pp. 118-119.

VALERA, António Carlos (2001) – Escola, autoridade, racionalismo crítico e organização curricular no ensino da Arqueologia. *Era - Arqueologia, Revista de Divulgação Científica de Estudos Arqueológicos*. Lisboa. 1 (2006), pp. 8-13.

VALERA, António Carlos (2005) – *Holocénico [o Blog]*. Lisboa: Era, Arqueologia SA/Editorial XPTO, 246 p.

VALERA, António Carlos (2006a) – Bolonha Vista de Jussante. *Al-Madan*. Almada. II Série, 14, pp. 111-113.

VALERA, António Carlos (2006b) – Universidades e Empresas de Arqueologia: razões para uma relação desejável. *Era Arqueologia*. Lisboa. 7 (2006), pp. 22-29.

VALENTE, Maria João; BICHO, Nuno; BERNARDES, João; CARVALHO, António Faustino; PEREIRA, Telmo (2016) –

Arqueologia na Universidade do Algarve. Apresentação à Sessão «Arqueologia – Universidades e Ensino em números e em gráficos», Ciclo de Encontros «Discutir Arqueologia» (9 Abril 2016). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 20 p. Disponível em: https://www.academia.edu/24503135/Arqueologia_na_Universidade_do_Algarve (acedido em 10 de Agosto de 2018).

ZILHÃO, João (2000a) – Arqueologia por Contrato. Algumas reflexões sobre a arqueologia como actividade empresarial. *Era – Arqueologia, Revista de Divulgação Científica de Estudos Arqueológicos*. Lisboa. 1, pp. 6-9.

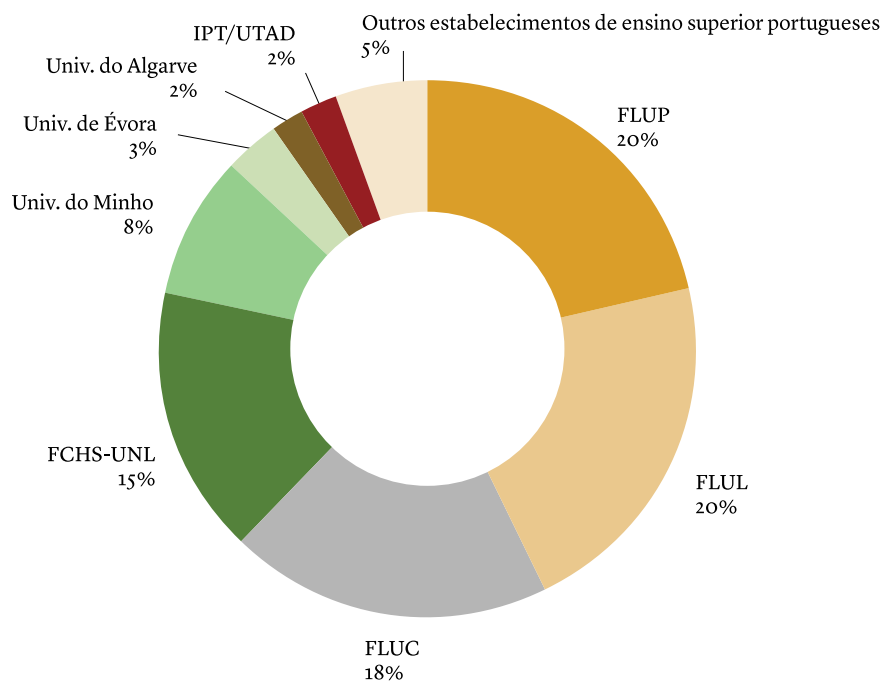


Figura 1 – Diplomados em Arqueologia por Estabelecimento de ensino superior, 1970 – 2021.

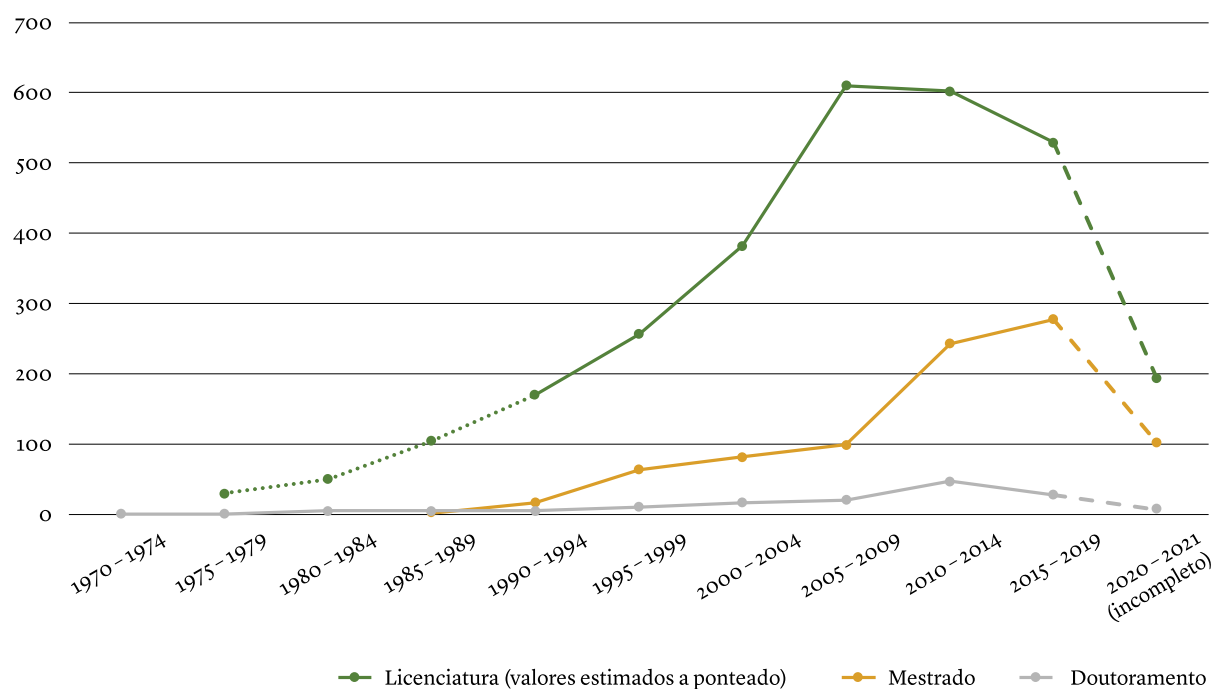


Figura 2 – Diplomados em Arqueologia em Portugal, entre 1970 e 2021, por quinquénio (Bugalhão, 2021, p. 171-175; DGEEC).



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO
DIREÇÃO - FACULDADE DE LETRAS - UE
PALÁCIO DE SUB-RIPAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia,
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**